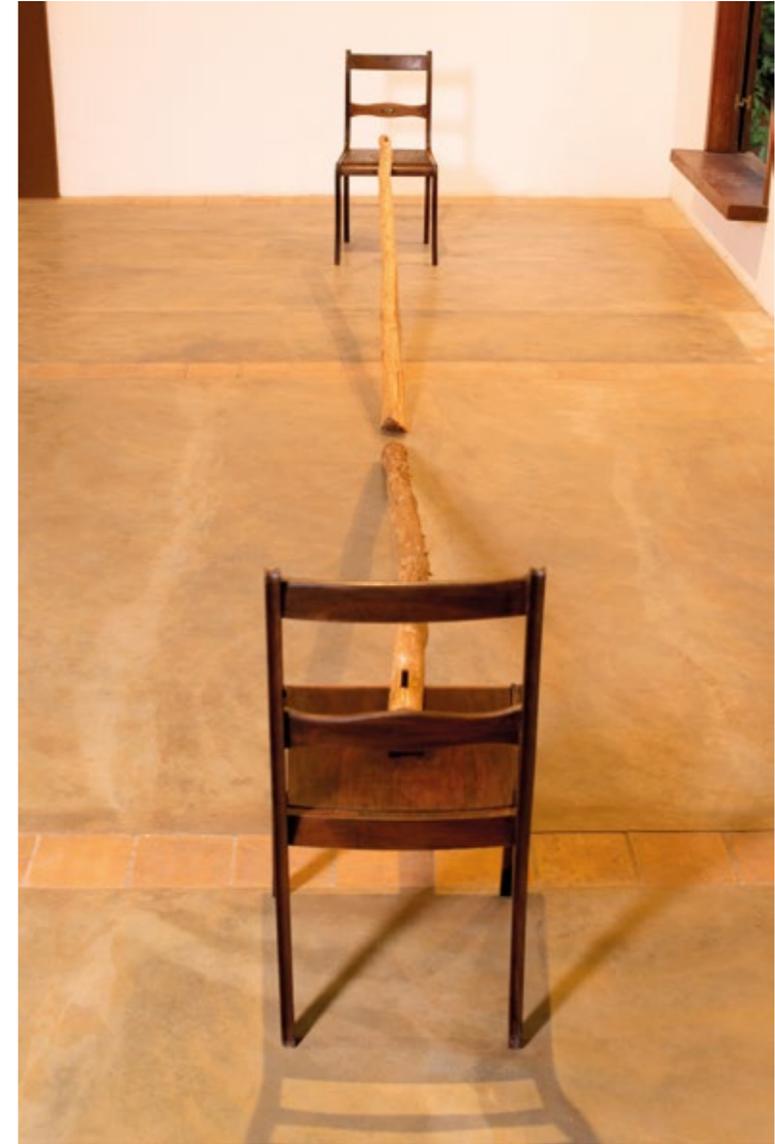




ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA
Maxim Malhado



ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA

Maxim Malhado

ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA, QUE O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL SE APROXIMEM

A arte para Maxim Malhado é sua maneira de desver o mundo, como também era para o poeta, artista mesmo, Manoel de Barros. Era também uma maneira de subverter a vida enfadonha daquele interior de Sítio Novo, cidade onde cresceu na Bahia. Sonhar, desenhar, pintar e esculpir são a sua forma de expressão e extravasão máxima dos sentimentos. Os que despertavam sua curiosidade pelo mundo e os que o afligiam. “Um mundo que é só imagem, e até mesmo imagem de uma imagem, nada de nada. Os homens, por sua vez, não passam de imagens, sonhos”.

Maxim Malhado trabalha e fala de memórias e fantasia de quando era menino. Pensa suas obras a partir das lembranças de infância, como pode ser lido no início deste texto. É de onde vem sua arte, das lembranças de um menino de Sítio Novo, onde cresceu. Vem da construção de uma vida naquele lugar, do pai que tinha o sonho de ser engenheiro. Não sendo, passou a experimentar as construções como autodidata. A vida de Malhado foi assisti-lo construir, destruir, construir, destruir e construir. Ver uma casa sendo construída o marcou profundamente. O menino viu no canteiro de obras, com suas ferramentas e materiais, a fonte de sua criação, encontrou as tintas de parede no canteiro de obras e começou a pintar ali mesmo, misturando aquelas tintas. Foi ali que começou a pensar e trabalhar, vendo aquela casa ser construída. A casa passa a ser, então, o elemento central de sua obra, um lugar encantado.

A estrutura e os materiais, como a areia, os tijolos, o madeiramento, o cimento, o telhado, as telhas, as fachadas, o fazem se interessar pelos canteiros de obras civis vistos nas cidades. Já os desenhos são abstrações de formas observadas nas fachadas das casas e nas suas aglomerações, fazendo delas um tecido urbano. Outros desenhos são de um realismo fantástico, como o que se vê duas cadeiras sobre galhos de uma árvore. Há outros que são esboços, estudos, de suas esculturas e instalações, que também são de formas de construções e armações dos canteiros de obras. Outras esculturas



Carroça
120 x 111 x 100 cm | 2021
madeira; jaqueira, massaranduba,
sucupira, angelim e ferro



Sapata
60 x 35 x 56 cm | 2023
madeira; jaqueira e ferro

são alusões às suas visões quase fantásticas e meio surreais, como aquela em que há as fachadas tridimensionalizadas do casario, feitas em tocos de madeira e dispostas em uma plataforma, como uma ilha no espaço, pois estão suspensas sobre um carrinho de ferro de puxar, como aqueles antigos que eram puxados pelas ruas das cidades coloniais. Malhado traz para exposição uma mesa baixa com um par de sapatos de madeira, que aludem ao universo imaginário de sua infância. Assim, junta o fantástico dessas memórias de menino com a observação do cotidiano na cidade, nas suas movimentações e construções de obras civis de ritmos geométricos improvisados, no interior do sertão e sua magia, povoado de histórias e histórias fantásticas.

Além de trazer esculturas e instalações que representam essas lembranças de situações fantásticas vividas, o artista vê nas soluções da arquitetura e de seus mecanismos, como os esbarros (pilastras, contrafortes, degraus inclinados), as armações (de cimento e barro) e as estruturas de madeira, troncos com suas amarrações, outras esculturas e instalações que são também visões de paisagens interiores e do sertão. É dessa observação que parte. O trabalho é artesanal (manual) e os desenhos são desdobramentos ou esboços desta etapa construtiva da obra escultórica que, por sua vez, proporciona uma sobrevida para a ideia e os materiais, parte deles proveniente de construções e demolições; outros são deliberadamente novos, porque o que o interessa são composições de pedaços de madeira esbranquiçados pelo uso e pelo tempo, cadeiras e mesas de madeira, varas e paus de cumeeiras que são reorganizados no espaço, acomodados e amarrados criando esculturas e instalações no acúmulo e embaralhamento, lembrando a origem da matéria. Poderia dizer que são vestígios de uma ação escultórica.

Universo da infância e universo do canteiro de obras, dois mundos diferentes que se juntam pelo inconsciente de suas formas, pela estranheza do pensamento, das ideias, das situações e dos usos, fazendo ligações do imaginário, dos sonhos e das lembranças com o real. O real das coisas e dos objetos permite a Malhado desenvolver certas questões construindo um vocabulário visual dos processos da vida, em que você recolhe, ajunta, constrói coisas para habitar. Isso pode mudar a vida e pode mudar tudo.

Armações, arrumações que as pessoas não mais percebem na vida acelerada da contemporaneidade nas grandes cidades e também nas pequenas. Não se presta mais atenção a coisas que são consideradas banais. Leveza, humor e estranheza, como parte dos trabalhos cotidianos de uma cidade. Um processo de trabalhar diariamente que se utiliza do que está ali dado, o que está pelas ruas, que está nas construções civis em uso ou em condição de descarte.

Os materiais são a madeira e o ferro ao natural, que não carregam pintura, apenas as cores próprias e da ação do tempo, com exceção de algumas esculturas que simulam o cinza do concreto e do cimento.

Fazer a exposição permite que Maxim busque um equilíbrio do pensamento e do fazer coisas. Para juntar os trabalhos, é como se estivesse organizando um mobiliário para a sala de exposição. Tudo tem uma importância, tudo tem uma relação, tudo carrega uma experiência visual e sensorial. São atitudes intelectuais, como pontes que ligam um lado ao outro. O que faz é juntar peças de uma exposição, e parece ser esse um exercício diário. Observar situações reais com arquiteturas provisórias ou esculturas provisórias. Sinais do tempo.

As esculturas são melhorias do real, do que de fato encontra-se no canteiro de obras quando ainda estão em uso. Retiradas, levadas para outro contexto, dá-lhe o caráter de esculturas. Tirando-as do canteiro de obras lhes confere o *status* de arte, de inutilidade, já não tem mais o uso original. É aí que causam a estranheza tão necessária para o olhar viciado e condicionado da contemporaneidade. Fazem pensar. Por fim, as esculturas e instalações criam também narrativas de um vocabulário do dia a dia. O canteiro de obras vem para dentro do ateliê, vem para dentro da sala de exposição.

O que Malhado vê nos canteiros de obras, nas construções de casas e habitações populares e tradicionais (como a casa de taipa) é a inteligência criativa para superar a precariedade. As soluções dadas pelos pedreiros, pintores, amassadores de barro e concreto são elaboradas eficientemente e em consonância com as questões ecológicas que

afetam a humanidade. Potente discurso estético, fantástico, político e de um racionalismo sensível. Busca familiaridade e tranquilidade com a execução do trabalho de certa forma bruto, utilizando técnicas da arquitetura popular na fabricação de formas de junções e cruzamentos que se fundem nas amarrações, composições e armações. Causam estranheza. Não têm utilidade.

O interesse mesmo é pelo sistema de articulações das linhas verticais com as horizontais e suas inclinações para baixo ou para cima, tanto faz, que dão a estrutura e, no seu caso, o estranhamento que elas representam. Interessa-se também pelas linhas de contorno e até mesmo pelos seus vazios. As paredes, sua estrutura esquelética, servem de suporte para criações de formas feitas delas mesmas e seus materiais da construção civil. Usa pau e vergalhões de ferro. Usa graveto para moldar suas arapucas e gaiolas que não aprisionam nada.

Maxim Malhado vive e trabalha em Massarandupió, no interior da Bahia. Poderia dizer que obtém com suas esculturas uma estética “controlada” (elaborada) dos canteiros de obras de aspecto meio abandonado, mas consciente da sua funcionalidade. Simula como é visto na instalação de obeliscos e troncos no formato de casas em cruz, em que explora por um viés construtivo, as formas essenciais.

Talvez trate mais de como observar as linhas dos contornos que se observam no carrinho de puxar que carrega a cidade desenhada e esculpida em tocos de madeira, organizando-os de tal maneira que fazem lembrar uma ilha flutuante sobre um carrinho de rodas e puxador de ferro. Tudo muito estranho na paisagem que forma. Situação algo fantástica, deixando no entorno o vazio do espaço expositivo. Juntam-se a essa escultura outras formas que como esta, parecem criar mais paisagens surreais outras, como aquela sobre cavaletes, Assentamento (dois cavaletes com casinhas), formando mais uma paisagem dentro da paisagem da sala expositiva.

Os desenhos tem a ver com tudo. Vêm para o espaço da galeria apenas dez esculturas. A escultura experimental fica de fora da sala. Os catorze desenhos da série “Lá de onde

falamos,” são a arqueologia da obra escultórica. É de onde se faz a primeira observação, quase que imediata da ideia e da memória. Leva ainda mais treze pinturas para exposição, sem título, da série “Parede de meia”. O “livro” é composto por cinco desempenadeiras sobre prateleira e mais caderno com escrituras do artista.

Malhado compõe uma paisagem única do improvável na galeria, formada por um candeebro pendente de madeira que estranhamente lembra o estilo rococó na sua frivolidade ornamental, mas que é a escultura de formas sinuosas simples, como se dá no estilo do século XVIII e XIX. É tudo muito simples visualmente e nos materiais. Os trabalhos não carregam títulos, apenas sugerem um realismo fantástico como andor, escultura de cunho social forte e um tanto de religiosidade, estranhamente. Não deixam de ser na verdade, descrições fantásticas do cotidiano. Melhor dito, das visões fantásticas do cotidiano na forma de ideias escultóricas. Inventa ou tem ideias plásticas como o poeta Manoel de Barros, que brinca com as palavras. O poeta brinca com os pensamentos. Malhado brinca com as observações das formas vistas nos canteiros de obras pelas ruas da cidade.

A obra de Maxim Malhado é a de um menino que via coisas e imaginava mais coisas ainda depois das coisas que via, um claro desejo de sustentar espaços.

Ricardo Resende, curador

São Paulo

Prumo
35 x 30 x 300 cm | 2023
madeira (jaqueira), chapa de ferro
e cabo de aço



“Tempo. Que tempo é esse... 1967, sul da Bahia, lá na casa tinha um par de sapatos de madeira que ficava sobre a mesa quase no centro da sala, quase, porque quase era uma sala, o que era mesmo? Um grande galpão, um gigo, um ex-galinheiro, agora sim era uma casa, onde está a diferença não sei, fisicamente era a mesma coisa, o que mudava eram os enfeites, os sapatos de madeira sobre a mesa e um enorme tapete pendurado na parede...”

Maxim Malhado



*...lá do lugar onde moramos...
(foto detalhe)
dimensão variada | 2024
andaime de madeira agreste e angelim*

Andor
250 x 270 x 100 cm | 2023
madeira vinhático e jaqueira



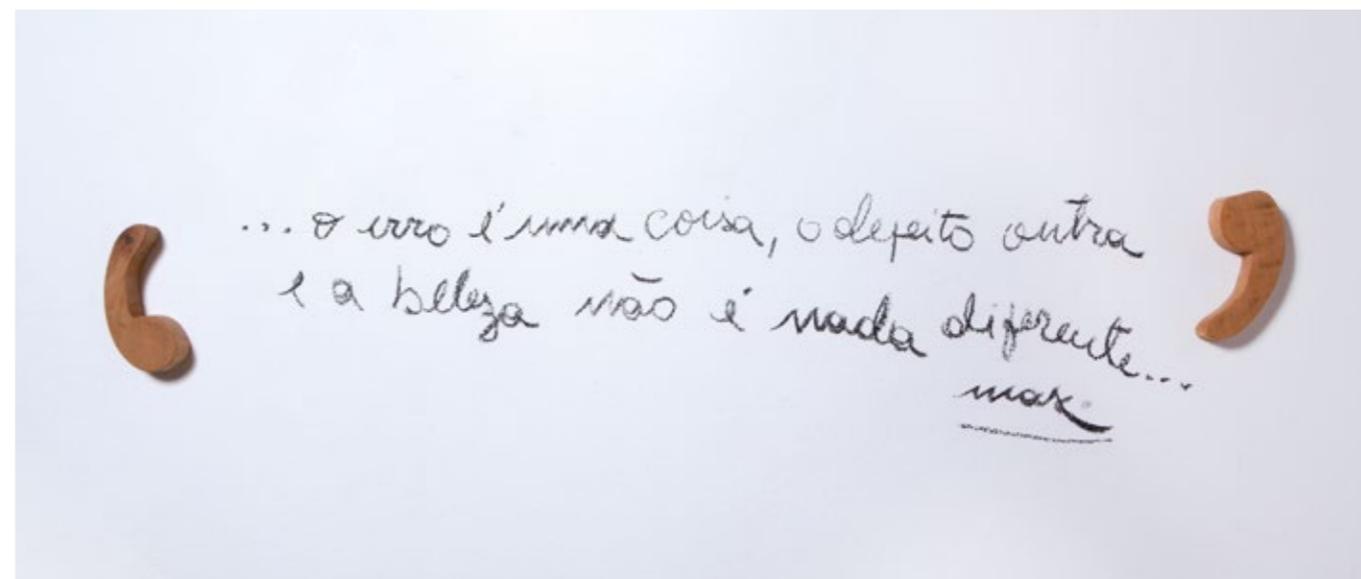


...casa globo
17 x 17 x 43 cm cada | 2023
madeira (ipê, louro canela e cedro)



Lampejos
48 x 80 cm | 2023
madeira (jaqueira e
louro canela)

...o erro é uma coisa, o defeito é outra
e a beleza não é nada diferente...
45 x 200 cm | 2024
madeira cedro e carvão





Eix-ú
108 x 36 cm | 2022
madeira eucalipto



...fora do eixo ou dentro da ordem...
108 x 167 x 34 cm | 2022
madeira jaqueira e vinhático



Livro
40 x 120 x 50 cm | 2023
madeira e desempoladeira de pedreiro

...toda casa é bela, mas a nossa...
22 x 10 x 12 cm | 2023
madeira e prata





...duas por uma...
60 x 50 x 200 cm | 2023
madeira vinhático



Compasso
82 x 240 x 100 cm | 2022
madeira angelim e madeira agreste



Engrenagem
Ø 50 x 99 x 98 cm | 2022
madeira vinhático e disco de ferro



Assentamento
110 x 110 x 157 cm | 2021
madeira massaranduba

SÉRIE **PAREDE E MEIA**

Acrílica sobre tela / 2010



159 x 206 cm



169 x 224 cm



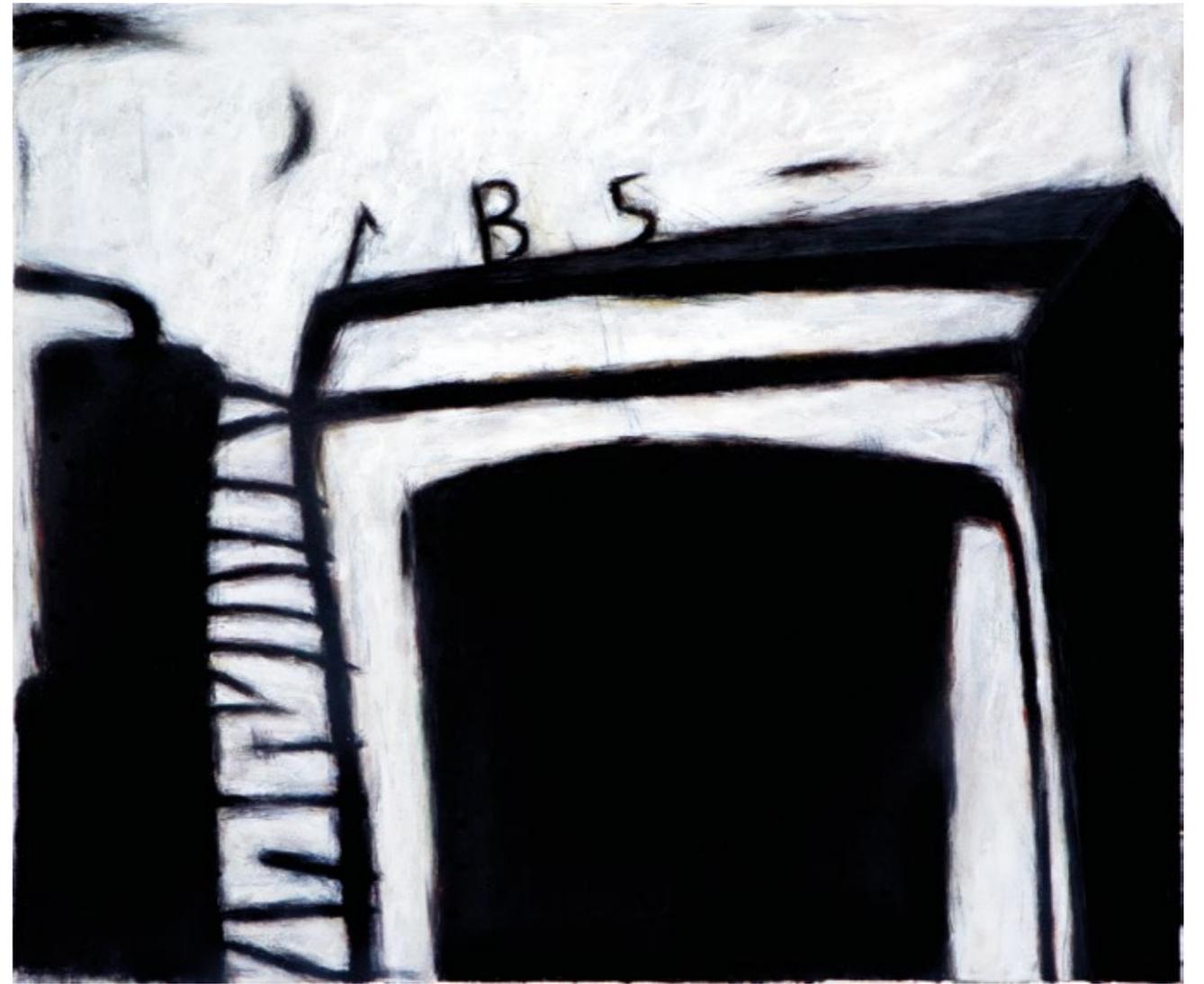
187 x 222 cm



140 x 170 cm



200 x 200 cm



140 x 170 cm



187 x 222 cm

SÉRIE **...LÁ DO LUGAR ONDE MORAMOS...**

Lápis de cor sobre papel / 2023



20 x 30 cm



10 x 8 cm



20 x 15 cm



21 x 30 cm



21 x 30 cm



21 x 30 cm



21 x 30 cm



MAXIM MALHADO

Nasceu em Ibicaraí, Bahia, em 1967. Artista plástico com uma sólida formação acadêmica e uma extensa trajetória artística, iniciou sua jornada no Atelier de Hector Valdez em 1989, prosseguindo para a Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro em 1991. Complementou sua formação na Oficina de Escultura do Museu de Arte da Bahia (MAM-BA), participando também do 10º Fórum Nacional de Artes Plásticas da Bahia e sendo aluno do curso de licenciatura em Desenho e Plástica da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Realizou exposições individuais e participou de mostras coletivas em espaços como Museu de Arte Contemporânea da Bahia, Salvador/BA; Museu Solar do Ferrão, Salvador/BA; Instituto Goethe, Baku, Azerbaijão; Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro/RJ; Museu de Arte de São Paulo/SP; Paulo Darzé Galeria, Salvador/BA; Casa da Cultura da América Latina (CAL), Brasília/DF; Belizário Galeria de Arte, São Paulo/SP; Centro Cultural Amélio Amorim, Feira de Santana/BA.

Nessa trajetória, destacam-se também participações na Bienal do Recôncavo São Félix/BA; Salão Nacional Paranaense/PR; Salão Nacional de Goiás/GO; Bienal Internacional de São Paulo/SP; Bienal de Montevideo, Uruguai, e Bienal do Mercosul, Porto Alegre/RS.

Seu trabalho artístico foi premiado em diversas oportunidades, e suas obras integram acervos importantes, como o Museu de Arte do Rio e o Museu de Arte Contemporânea da Bahia.

Além de sua atuação artística, Maxim Malhado contribui para projetos culturais, ministra oficinas e realiza curadorias.

Conheça o currículo completo em www.paulodarzegaleria.com.br/artistas/maxim-malhado/



Exposição / março de 2024

Agradeço a todos que passaram por mim e ainda passam, deixam um rastro enorme sempre, aos que vieram um pouco antes, pela coragem, pois se deixaram enlouquecer um dia, com vontade imensa e infinita, incontrolável de simplesmente correrem nu pela vila... Agradeço a Gilmar Feitosa e todos que contribuíram na feitura dessas obras; José Nilton dos Reis, George Batista Santos, Claudimiro dos Santos Monteiro, Josivaniana dos Santos Abade do Rosário, Alex dos Santos do Rosário, Elias Macedo Santos, José Adilson da Silva, Osvaldo Miranda dos Santos Neto, Marcos Antônio da Hora Santos, Fábio Lima dos Santos, Joilson de Oliveira Alves, Fredson dos Santos Gonçalves, agradeço agorinha mesmo a Agamenon Bomfim de Abreu.

Organização

Thais Darzé
Paulo Darzé

Produção executiva

Cica Lima
Patricia Ribeiro

Texto e curadoria

Ricardo Resende

Projeto gráfico do catálogo

P55 Edição

Créditos fotográficos

Marcio Lima

Assessoria de comunicação

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA • CEP 40081-310
71 3267-0930 • 99918-6205 • paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br
📍 @paulodarzegaleria



PAULO
DARZÉ

G A L E R I A